

MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA

ANO 10 — Nº 10 — 2025 — ISSN 2594-9697

Le Musée

REVISTA DO MUSEU DOS CAPUCHINHOS



territórios e silenciamentos

como entender os museus
na contemporaneidade



políticas culturais

entrevista com a
Ministra da Cultura
Margareth Menezes



MusCap, 25 anos

Frei Celso Bordignon
e a formação do museu



Expediente – Le Musée

Revista Anual do Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul

Ano 10 – Nº 10 – Maio de 2025

Editor: Moacir P. Molon – MTb 3781

Supervisão e colaboração: Christian de Lima, Frei Celso Bordignon e Raquel Brambilla.

Capa: Acervo MusCap, Gilberto Perin, Victor Vecone

Diagramação: Gabriel Radaelli

Impressão e acabamento: Editora São Miguel

Tiragem: 1.000

É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo sem autorização prévia dos editores.

Museu dos Capuchinhos

Diretor: Celso Bordignon

Coordenador: Christian de Lima

Museóloga: Raquel Brambilla

Rua General Mallet, 33A – Bairro: Rio Branco CEP: 98097-000 – Caxias do Sul/RS

Telefone: (54) 3220 9565

www.capuchinhos.org.br/muscap

coordenacao@muscap.org.br

facebook.com/museudoscaphuchinhos

Instagram: @muscaprs

WhatsApp: (54) 3220.9565

Província Sagrado Coração de Jesus - Frades Capuchinhos do Rio Grande do Sul

Ministro Provincial: Frei Álvaro Morés

Conselheiros Provinciais: Freis Daison Fermino de Sá, Irineu Trentin, Alceu Ferronato e Evaldo Valdir de Freitas.

Av. Alexandre Rizzo, 534 C – Bairro: Desvio Rizzo

CEP: 95110-000 – Caxias do Sul/RS

Telefone: (054) 3220 3270

ofmcaprs@ascap.org.br

www.capuchinhosrs.org.br

Sumário

Editorial 4

Artigo 1 ARTE E MEMÓRIAS SAQUEADAS: SOBRE OS MUSEUS E SEUS SILENCIAMENTOS 5

Artigo 2 UM TERRITÓRIO E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA..... 11

Especial 1 Vida longa ao MusCap!..... 18

Especial 2 Celso Bordinon: O Artista e professor que transformou o MusCap 21

Entrevista Margareth Menezes 26

Ações..... 30

ENTRE BRASIL E IRLANDA Caminhos na Preservação do Patrimônio 38

Coluna do leitor 41



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Editorial

MusCap, siga rumo aos 50!

*“Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar”.*

Quero me apoiar nesse fragmento da imensa obra poética do espanhol Antonio Machado Ruiz para abrir o editorial de *Le Musée*, na edição que assinala os 25 anos do Museu dos Capuchinhos. E reafirmar que “o caminho se faz caminhando”, assim como “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”, na qualificada palavra de Paulo Freire.

É assim que o MusCap quer seguir, já que caminhar, talvez, seja a mais fácil, acessível e eficaz atividade que todos podem fazer. Mas, atenção à palavra de Paulo Freire: “ninguém caminha sem aprender a caminhar”!

É durante a caminhada que mais oxigênio e nutrientes estão sendo entregues às células cerebrais. Esse aumento no fluxo sanguíneo resulta em uma maior atividade nas áreas do cérebro responsáveis pela memória e aprendizagem, assim como pela tomada de decisões.

É seguindo esse caminho da fisiologia humana que o MusCap tem certeza de vislumbrar os passos de uma renovada caminhada rumo aos seus 50 anos e muito mais.

A caminhada do MusCap desde o ano 2000 também foi um tempo de aprendizagem e de descobertas, muitas, sem dúvida, conquistadas na penumbra do sofrimento, da carência, mas nunca do desânimo. “Caminhante, são tuas pegadas o caminho e nada mais”!

Le Musée segue a caminhada rumo aos 50 anos do MusCap! Nesta edição, destacando, entre outros depoimentos, a entrevista com a Ministra da Cultura Margareth Menezes, que diz: “A arte não era reconhecida como prioridade (...). Nesses dois anos de gestão, estabelecemos novas ações estratégicas que visam fortalecer a cultura brasileira e democratizar o acesso a todas as manifestações artísticas e culturais no país..., além de prestigiar e priorizar recursos aos agentes culturais locais, valorizando práticas e saberes, fazeres, linguagens, produção, patrimônio, memória, diversidade, cidadania e cultura local!”

Moacir P. Molon OFMCap
Editor de *Le Musée*

Artigo 1 ARTE E MEMÓRIAS SAQUEADAS: SOBRE OS MUSEUS E SEUS SILENCIAMENTOS



Cláudia Mariza Mattos Brandão

Doutora em Educação, com pós-doutorado em Criação Artística Contemporânea (UA, PT)

Ana Beatriz Reinoso Rosse



Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes/UFPel)

O museu ocidental é aquele tipo estranho de lugar onde podemos encontrar no mesmo espaço quadros, objetos, móveis e estátuas de vários continentes e várias épocas, mas também milhares de restos mortais – crânios, ossos, cabelos. Essa instituição, associada à grandeza da nação, nasceu sob a sua forma atual no século XVIII – o século das revoluções (entre as quais a Revolução Haitiana, muito frequentemente esquecida), quando o tráfico escravagista atingiu um pico inigualável e banqueiros, seguradores, armadores, proprietários de escravos, capitães, negreiros e fazendeiros enriqueceram consideravelmente. (Vergès, 2023, p. 7-8).

A discussão proposta por Françoise Vergès é um tema candente e de interesse para reflexões sobre a memória social, em especial, sob o ponto de vista dos estudos decoloniais. O termo decolonial deriva de uma perspectiva teórica que faz referência às possibilidades de um pensamento crítico a partir dos subalternizados. Na esteira desse pensamento, identifica-se a tentativa de construção de um projeto teórico voltado para uma reflexão crítica e transdisciplinar sobre os fatos históricos. Além disso, essa é uma tendência que também se caracteriza como força política para se contrapor às tendências dominantes de perspectiva eurocêntrica na elaboração do conhecimento histórico e social.

Inúmeros são os casos envolvendo o deslocamento de obras de arte e o retorno delas a seus países de origem, o que reforça a imagem dos museus como agentes replicadores dos ciclos de opressão colonial na contemporaneidade. Isso coloca no centro das atenções as inter-relações entre as obras de arte e seus contextos históricos; o entendimento da arte como fruto do seu momento de geração. Ou seja, trata-se de considerar tais objetos como materialidades que acenam para as mentalidades e os comportamentos de determinada época.

Sobre o assunto, Ariella Azoulay (2019, s/p) se manifesta relacionando o tema à “era dos descobrimentos” e às violências imperiais, sacralizadas através de suas próprias normas:

Por violência imperial, me refiro a toda empreitada de destruir os mundos de símbolos, atividades e tecidos sociais *existentes* e substituí-los por um “novo mundo” de objetos, classificações, leis, tecnologias e significados

(...) Nesse suposto “novo mundo”, populações locais e recursos são considerados problemas ou soluções, oportunidades ou obstáculos, e são designados para papéis, espaços e funções específicos.

Considerando o entendimento de Azoulay sobre “violência imperial”, entendemos importante a aproximação dessa ideia do pensamento de Aníbal Quijano (2000), acerca do conceito da “colonialidade do poder”. Como destaca o autor, embora o término do período de colonização, a “colonialidade se reproduz em uma tripla dimensão: a do poder, do saber e do ser. E mais do que isso: a colonialidade é o lado obscuro e necessário da modernidade; é a sua parte indissociavelmente constitutiva” (Quijano, 2000, p. 352).

Concordamos com as críticas e problematizações acerca do deslocamento das obras de arte de seus contextos originários como relações oriundas do poder colonial. Ao serem abrigadas em instituições estrangeiras, são comprometidas sobremaneira as trocas dialógicas, o contato das populações com as suas histórias de origem e a intrínseca relação com a memória social. Logo, faz-se necessária a consciência de que “A história dos conflitos e das lutas pelos tesouros e símbolos de poder se encarregou de fazer emergir os museus como instituições de objetos despojados das suas funções sociais, através da valorização das funções estéticas” (Morin, 2016, s/p).

No século XIX e no XX, a chamada “arte africana” e o modernismo são um bom exemplo para compreender a ruptura de narrativas entre o simbolismo mágico e a estética. Ainda que a estética seja simbólica, os objetos sacros, por assim dizer, transportam um significado que só se pode concretizar num dado contexto, que se constitui como o processo, onde um determinado ritual é desenvolvido no seio duma determinada comunidade (...) Os objetos de arte africana que chegaram à Europa perderam as suas funções, mas permanecem como obras estéticas. (id.)

O sintético panorama histórico elaborado por Morin possibilita estender a questão para os demais povos oprimidos, colonizados e saqueados ao longo da história, inclusive, os povos originários brasileiros. Referimo-nos a objetos entendidos como exemplares de subculturas e que eram vistos como exemplares exóticos e esteticamente belos, ao serem exibidos nos grandes salões e museus europeus. E assim, as histórias e funções originais da arte de muitos povos foram totalmente ignoradas e, conseqüentemente, apagadas.

O presente texto problematiza o destino de obras de arte levadas para longe de seus países de origem e o modo como os museus, instituições responsáveis pela guarda de tais objetos, seguem repetindo os ciclos de opressão na contemporaneidade, através da valorização das suas funções estéticas. Também abordaremos o retorno de um Manto Tupinambá a terras nacionais, um resultado positivo de disputas internacionais entre o povo Tupinambá e diferentes instituições museológicas estrangeiras.

Entre o saque e a expatriação, o apagamento de histórias e memórias.

A ideia de coletar objetos e organizá-los segundo a lógica própria de cada instituição, pode levar pessoas desavisadas a acreditar que as peças foram naturalmente e pacificamente amealhadas por seu valor artístico, histórico ou científico. Porém, não é bem assim. Uma rápida checagem em algum livro de artes ou na internet permite verificar a existência de um padrão entre a origem das obras e os processos de invasão, saque e colonização, promovidos no passado por nações europeias.

Um objeto etnográfico é confeccionado manualmente, utilizando materiais provenientes do local onde o povo que o produziu habita ou habitou e cuja forma está relacionada a princípios desse mesmo povo, é o resultado de uma visão de mundo coletiva. (Costa, 2022, p.27).

Sendo assim, os artefatos produzidos por povos considerados “primitivos”, eram colecionados pelos invasores europeus por entenderem que eles traziam em si conhecimentos sobre “o outro”, ao mesmo tempo diferente e encantador. Porém, seus registros nas instituições europeias nem sempre estão disponíveis, sendo encobertos por “histórias oficiais”. E, para legitimar os roubos, “a definição da noção de propriedade privada no direito ocidental foi fundamental” (Vergés, 2023, p. 13):

A genealogia patriarcal e colonial do direito de propriedade imposto ao mundo não europeu acabou fazendo que, para reclamar um objeto que lhes pertenceu, um grupo, uma comunidade ou um povo tenham de negociar sua devolução dentro do direito que os tomou de sua propriedade. (id.).

Por exemplo, o início de muitas “coleções africanas” coincide com o final da escravidão no continente americano e a expansão da colonização europeia em terras africanas, na segunda metade do século XIX. E isso é facilmente identificado quando analisamos os acervos de museus como o *British Museum*, em Londres, e o *Musée du Louvre*, em Paris.

A arte africana está intrinsecamente relacionada às práticas cotidianas das populações. Desde o tear das tecelãs, assim como os mantos e vasos, com suas cores vivas e padrões minuciosamente elaborados, os objetos eram associados à transmissão de valores ecológicos, de relação com a natureza e aos princípios sociais de cada grupo. Os tecidos reuniam um conjunto de conceitos e valores comunitários, utilizando diferentes materiais, da fibra vegetal ao ouro.

Esta é uma discussão que também reverbera nas produções artísticas contemporâneas, como acontece no filme “Pantera Negra” (2018), dirigido por Ryan Coogler. Em uma determinada cena, Killmonger, o personagem interpretado pelo ator Michael B. Jordan, admira artefatos africanos em um museu britânico. Ele se dirige à uma funcionária indagando sobre a origem das peças e anunciando que levará uma delas. Indignada, a mulher exclama: “Você não pode roubar isso!”, ao que ele replica: “Mas vocês não roubaram isso? Só estou pegando de volta”.

Um exemplo emblemático de tais práticas é o caso de Thomas Bruce (1766 - 1841), o sétimo Conde de Elgin, embaixador britânico para o Império Otomano entre 1799 e 1803, um dos maiores saqueadores do mármore grego. O objetivo inicial de sua estada na Grécia era o de copiar algumas esculturas, utilizando moldes de gesso, para posteriormente decorar a sua mansão. Para atingir o seu intento, ele subornou diversas autoridades turcas; mesmo assim, sua equipe era sujeita a inúmeras restrições, como, por exemplo, o uso de andaimes, além de ser proibida a retirada de qualquer material do local.

Frente às dificuldades, Bruce radicalizou e mudou seus planos, decidindo “salvar” o mármore do Parthenon. Durante um ano, com a ajuda de uma equipe de 300 homens, os mármore foram retirados, sem o devido cuidado. No total, foram roubadas 56 peças e 19 estátuas, que atualmente estão alocadas no *British Museum*, deixando a estrutura remanescente com buracos e falhas.

Thomas Bruce também saqueou uma das seis cariátides do templo Erecteion. Atualmente, as cinco restantes em solo grego estão expostas no Museu da Acrópole de Atenas, arranjadas em uma plataforma que simula a disposição original no templo, com um espaço vazio entre elas. A expografia destaca a ausência da cariátide e o seu roubo, lembrando que essa se encontra no *British Museum*, sozinha, em um canto do museu (Imbroisi, 2022).

O difícil “caminho de volta” dos objetos às comunidades espoliadas.

Através deste artigo, buscamos reverberar inquietações resultantes de discussões desenvolvidas nos encontros do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPEL/CNPq), sediado no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (Pelotas, RS), acerca dos acervos museológicos e suas origens. Como buscamos demonstrar até aqui, em

muitas dessas instituições, as obras são oriundas dos processos de saques e apropriações imperialistas. Ainda hoje, muitas vezes elas são exibidas como meros troféus dos vencedores, perpetrando algumas histórias e apagando outras tantas. Entretanto, constatamos que são muitos os movimentos com vistas a realocar os objetos em seus países de origem, restaurando simbolicamente identidades vilipendiadas.

Neste contexto, cabe ressaltar que o sistema artístico dessas comunidades foi brutalmente impactado com a imposição de valores artísticos eurocentrados. Isso, pois “O sistema de patronato local foi interrompido, obras de arte ditas “superiores” foram importadas, e aspectos do mercado de arte ocidental foram introduzidos” (Graham-Dixon, 2011, p. 590). Rapidamente a arte local foi substituída pela dita “superior”, e os objetos artísticos levados para solos estrangeiros.

Algumas vezes, depois de longas demandas jurídicas, os objetos saqueados retornaram às terras de origem, como ocorreu com o Obelisco de Axum. Por mais de mil anos, a região de Axum abrigou o monumento megalítico cercado por um anel de obeliscos menores. Em 1937, o obelisco, mais apropriadamente denominado “estela”, foi transferido para a Itália como espólio de guerra, por ordem do ditador Benito Mussolini.

A estela monolítica foi cortada em cinco pedaços e transportada por caminhão ao longo da tortuosa rota entre Axum e o porto de Massawa, em cinco viagens realizadas num período de dois meses. Ela chegou de navio em Nápoles, sendo então transportada para Roma, onde foi remontada na praça Porta Capena, na frente do Ministério de África, um final um tanto irônico para o artefato roubado.

Em solo italiano, a estela foi oficialmente inaugurada em 28 de outubro de 1937, em comemoração do décimo quinto aniversário da Marcha em Roma (Marques, 2008). O obelisco de granito do Rei Ezana permaneceu em Roma até 2008, mesmo com a decisão favorável da ONU para a sua repatriação em 1947. 1700 anos após ter sido erguido pela primeira vez e 70 anos depois de ter sido roubada, a estela foi repatriada, abrindo um precedente para a devolução de outros artefatos sagrados, principalmente, os saqueados pelas tropas britânicas.

No processo de problematizações acerca das origens dos acervos museológicos, contemporaneamente alguns museus, assim como o *British Museum*, têm reconhecido que seus fundadores tiraram proveito do tráfico transatlântico de escravos e, em função disso, tentam agir em prol da reparação histórica. No caso do *British*, foram colocadas placas indicativas da história do objeto, o seu trajeto e as suas funções no contexto original.

O *Musée du quai Branly*, “Museu das Artes e Civilizações da África, Ásia, Oceania e Américas”, foi criado em 2006, sob a presidência do francês Jacques Chirac, com a ideia de ser um “pedido de desculpas” às “civilizações não-europeias”. Embora a “boa intenção”, a sua expografia não contempla uma nítida separação entre países e culturas do mesmo continente, nem uma separação dos objetos de acordo com as suas funções. Os objetos artísticos são exibidos sem contextualização e são expostos aleatoriamente, organizados por critérios estéticos.

Na reserva técnica do *Musée du quai Branly* também se encontra um dos mantos do povo indígena Tupinambá. Produzidos entre os séculos XVI e XVII, são onze os mantos sagrados espalhados pelo mundo, em países como França, Dinamarca, Holanda e Inglaterra. Passados mais de 20 anos da solicitação oficial de seu povo, um deles finalmente chegou ao Museu Nacional do Rio de Janeiro (Figura 1), em julho de 2024, enviado pela Dinamarca, resultado de uma articulação entre os indígenas, o governo brasileiro e o dinamarquês.

Patrimônio dos povos indígenas e sagrado para os Tupinambás, o manto foi confeccionado há mais de 300 anos com penas de guarás vermelho costuradas sobre uma rede de fibras naturais. Ele tem cerca de 1,80m de altura. O repatriamento desse símbolo espiritual da cultura Tupinambá representa o resgate de uma memória transcendental para seu povo.

Ao mesmo tempo, a peça histórica do século XVII simboliza uma história de violações e apagamentos e é testemunha do genocídio de um povo, praticado sistematicamente desde a chegada dos europeus. Embora os Tupinambás vivam na Bahia desde tempos imemoriais, somente em 2001 eles foram reconhecidos como um povo indígena pelo Estado brasileiro. Hoje, eles se encontram na aldeia da Serra do Padeiro, no sul da Bahia, porém, ainda lutam pela demarcação de seu território.

Acreditar é preciso, mas lutar é fundamental.

Muitas obras de arte, em sua maioria não europeias, seguem exiladas em museus estrangeiros e apartadas de seus contextos originais. Na última década, em nosso país, observamos uma onda crescente de negacionismo e tentativas de apagamento das histórias e tradições dos povos originários. Em contrapartida, os estudos decoloniais avançam e testemunhamos o aumento de movimentos em prol da retomada e repatriação dos objetos.

A luta do povo Tupinambá para reconquistar parte de sua história, emblematicamente representada por um manto, resgatou também o seu próprio direito de existir, fruto de um ciclo de lutas pelo território e pela valorização da sua cultura tradicional.

Embora a festejada repatriação, os Tupinambás agora lutam pelo direito da guarda desse que consideram um verdadeiro ancestral. Nos dias 10 e 11 de setembro de 2024, eles tiveram acesso exclusivo ao manto, que segue abrigado no Museu Nacional. Na ocasião, a cacica Jamopoty Tupinambá declarou: “não somos os indígenas de 1500, somos um povo novo, mas que ainda precisa demarcar nossa terra. Tiraram nosso direito de viver e tiraram nosso idioma, mas aqui permanecemos” (Domingues, 2024, s/p).

O esvaziamento de sentidos e a banalização de muitas peças museológicas, consumidas somente pelo seu valor estético, indicam o perigoso limiar do esquecimento das múltiplas e complexas histórias dos diferentes povos que habitavam/habitam o planeta. Isso demonstra que ainda temos um longo caminho a percorrer, não só para resgatar os objetos e suas histórias das instituições mundo afora, mas, principalmente, para reatar os vínculos significativos entre nós, humanos, e as nossas histórias e memórias.

Legenda: Manto Tupinambá que estava no acervo do Nationalmuseum, na Dinamarca.



Fonte: <https://ensinarhistoria.com.br/o-deslumbrante-manto-tupinamba-de-penas-vermelhas/>

Referências

AZOULAY, Ariella. **Desaprendendo a história da fotografia**. Artigo. Revista Zoom #17. 29 de outubro de 2019. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-17/desaprendendo-origens-fotografia/> Acesso em 19/01/2025.

COSTA, Caroline M. P. R. **O RETORNO DO MANTO TUPINAMBÁ**: Diálogos para a construção de uma história da arte indígena. Monografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2022. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/17834/1/CMPRCosta.pdf> Acesso em 18/01/2025.

DOMINGUES, Joelza Ester. **O deslumbrante Manto Tupinambá de penas vermelhas volta ao Brasil**. Blog: Ensinar História. 19 de setembro de 2024. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/o-deslumbrante-manto-tupinamba-de-penas-vermelhas/> Acesso em 18/01/2025.

GRAHAM-DIXON, Andrew. **Arte: o guia visual definitivo da arte—da pré-história ao século XXI**. Publifolha, São Paulo – SP, 2011.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. **Cariátides no Museu da Acrópole. História das Artes**, 2022. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/cariatides-no-museu-acropole/>>. Acesso em 20/05/2022.

MARQUES, Alexandre K. **A QUESTÃO ÍTALO-ABISSÍNIA**: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17233> Acesso em 20/01/2025.

MORIN, Edgar. Notas de Leitura da conferência de Edgar Morin. **Estetica da arte e antropologia complexa** (L'esthétique et l'art du point de vue d'une anthropologie complexe). Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 2016. Disponível em https://globalherit.hypotheses.org/6652?fbclid=IwAR2wZbvKYU3hUv14pwr26eMEkPPq2Xo53jyNndoz1TrI3P_cWo5zdEZ2aY Acesso em 05/05/2022

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder y clasificación social**. In.: Journal of world-systems research, v. 11, n. 2, 2000, p. 342-386

Artigo 2 UM TERRITÓRIO E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA

Olhar sobre a realidade de Caxias do Sul



Terezinha de Oliveira Buchebuan

Arquiteta e Urbanista

Dra. em Planejamento Urbano e Regional

Professora na Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Coordenadora do TaliesEM – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de Caxias do Sul

Passeio pelos lugares da memória caxiense

Os museus já foram espaços de contemplação passiva de coleções de prestígio pessoal ou político, instrumentos de educação e cultura, local de conservação do patrimônio nacional, regional ou local, nem sempre acessíveis a toda população. Atualmente, há consenso que museu é uma instituição complexa e que, inserido em uma política cultural de educação, pode tornar-se o “ponto de encontro privilegiado do patrimônio e da sociedade, ao mesmo tempo que uma janela para o mundo” (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 75). Essas instituições tiveram a tríade tradicional: edifício, coleção e público, ampliada, tornando-se território de ação, patrimônio coletivo e comunidade de habitantes. Assim, passaram a lidar com o patrimônio material e imaterial, em atuação conjunta com a sociedade, ligadas ao desenvolvimento cultural e socioeconômico. Caxias do Sul já tem alguns exemplos dessa ampliação de atuação, e o **Museu dos Capuchinhos** é um importante exemplo disso, pois para além da importância da guarda do acervo da ordem de todo o Rio Grande do Sul, abre o seu espaço para exposições temporárias de artistas locais, possui uma revista impressa que difunde cultura para muito além de postagens na fluidez das redes sociais, enfatiza a ligação com a criação artística em um atelier anexo, além da exemplar atividade de conservação.

Por este olhar, foi que o TaliesEM – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul se propôs a conhecer a realidade dos museus e lugares da memória caxienses, correlacionando-os ao seu espaço-tempo. A partir de pesquisa documental e em mídias digitais, mapearam-se preliminarmente as instituições, ativas ou não, no espaço geográfico do município, sendo considerados os museus, além de instituições que abrigam algum acervo de memória, públicos ou privados. Foram listados, até o presente momento, treze museus: Casas Bonnet, Casa de Pedra, Museu Municipal, Instituto Hércules Galló, Museu e Casa Zinani, Museu Diocesano (Casa Canônica), Museu da Uva e do Vinho Primo Slomp (Cooperativa Vitivinícola Forqueta), Museu São Brás, Museu da Indústria Metalúrgica (MIM) – Memorial Gazola, Museu dos Capuchinhos (MUSCAP), Museu dos Ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial (FEB), Museu Municipal do Esporte (Ginásio Enxutão) e Museu de Ciências Naturais da Universidade de Caxias do Sul (UCS); além de sete instituições com algum acervo de memória: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Acervo Cantina Antunes (Centro de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho), Fazenda Bertussi, Centro de Memória Dr. José Brugger (Hospital Pompéia), Monumento ao Imigrante, Instituto Bruno Segalla (Campus 8 da UCS) e Memorial Atelier Zambelli (Monumento Jesus Terceiro Milênio).

O mapa permitiu traçar roteiros para os levantamentos de campo, realizados com visita guiada em cada instituição mapeada, e nessas ocasiões foi possível coletar dados para a elaboração de fichas gerais, cuja finalidade era caracterizar cada instituição. Os dados registrados envolvem uma planta de situação e implantação, para localização do espaço na cidade ou na zona rural, algumas imagens para caracterização do entorno da edificação que abriga a função

de guarda da memória, a temática dos acervos, o público-alvo, além de algumas fotos para uma breve visualização dos ambientes expositivos.

Na sequência, também foi elaborada uma ficha para cada edificação, levando-se em conta as características arquitetônicas. Inicialmente é apresentada uma planta de localização e uma imagem externa, com detalhes sobre os aspectos ligados à parte construtiva e à materialidade. Importante destacar que as fichas também trazem o contexto, os usos originais ou modificados ao longo do tempo, bem como a identificação de possíveis valores para preservação.

Alguns passos atrás: Voltando no tempo

A riqueza observada na paisagem dos percursos, nas características arquitetônicas das edificações dos museus ou instituições de memória, nos seus acervos, e a correlação entre os dados mapeados e tabulados nas fichas remeteu a uma ampliação do estudo. Alguns questionamentos inquietaram a equipe de trabalho e traçaram o novo rumo da pesquisa: “Como era o entorno e quando foram construídas as edificações que hoje abrigam os museus?; Por que elas resistiram no espaço-tempo?; Quando essas edificações se tornaram museus ou lugares que guardam nossas memórias?”.

Como tentativa prévia de responder essas questões, se desdobrou o estudo para a compreensão das fases de evolução da ocupação do território de Caxias do Sul, com base na proposta metodológica de Souza e Müller (1997), que leva em conta os fatores econômicos, locais e político-institucionais, com ênfase na função produtiva e no aumento populacional em cada uma dessas fases. Em paralelo, foi realizada pesquisa bibliográfica para conhecimento da história da produção do espaço urbano e rural de Caxias do Sul, principalmente a partir de Machado (2001) e Silva (2018), o que permitiu a determinação das fases a nível local.

No caso caxiense foram identificadas cinco fases de ocupação e transformação do espaço:

1. Colonização e Fundação: 1875 – 1890;
2. Consolidação Agrícola e Vitivinícola: 1890 – 1940;
3. Industrialização: 1940 – 1980;
4. Diversificação Econômica e Cultural: 1980 – 2000;
5. Caxias Contemporânea: 2000 – Presente.

Cada uma dessas fases foi descrita textualmente, enfatizando os eventos importantes para sua definição a partir das categorias indicadas pela metodologia, divididas ainda em fatos ligados às escalas regional, local e de outras regiões mais amplas, como a nacional. Após o relato textual, foi elaborada uma ficha síntese, colocando em itens os principais fatores envolvidos na delimitação de cada uma.

As pesquisas, documental e digital, também embasaram os dados sobre as edificações que abrigam os museus e lugares de memória atualmente, para identificação da data de construção, da mudança do entorno e das alterações nas atividades ao longo do tempo, correlacionando esses dados com as fases da evolução identificadas acima, inclusive quando passaram a abrigar acervos museológicos ou de memória.

Por fim, foi elaborada uma ficha final com cada uma das fases de produção do espaço de Caxias do Sul, em que foram inseridos os dados históricos, a função, a população, os equipamentos e infraestrutura, além de imagens ilustrativas. Porém, o mais importante dela são os mapeamentos, um deles traz o território do município cruzando com as antigas léguas e as estradas e, o outro, com a evolução do perímetro urbano ao longo das fases. Em ambos foram localizadas as edificações em sua época de construção, evidenciando nas fichas posteriores, a data em que se tornaram museus ou lugares de memória.

Rissi (2023) conclui sua pesquisa identificando que os museus e lugares de memória estão ligados diretamente à evolução da ocupação geográfica e, não somente os acervos, mas as edificações fazem essa ligação. Assim, é sugerida a criação de rotas organizadas em percursos por Caxias do Sul:

- Ligadas aos períodos históricos ou fases da ocupação (Fase 1 à Fase 5);
- Pela temática dos acervos (mobiliário residencial; artefatos de trabalho nas colônias, profissões ligadas à indústria vitivinícola e metalomecânica; artefatos religiosos; instrumental de guerra; tradição musical; esporte e ciências naturais);

- Pelos percursos (proximidade na malha viária urbana, percorrendo os caminhos dos imigrantes pelo meio rural ou as primeiras estradas).

O estudo também aponta para a necessidade de “inclusão de pontos e locais, que por mais que não sejam de carácter museológico, apresentem e demonstrem a pluralidade cultural de uma cidade onde muitas raças, cores e credos construíram a grande história de Caxias do Sul” (RISSI, 2023, p. 53).

Olhar para a memória caxiense: presenças e ausências

O estudo de Rissi (2023) apontou importantes conclusões sobre a situação dos museus e lugares da memória caxienses. No entanto, foi necessária uma sistematização e inclusão de novos dados para entendimento do que constitui esse patrimônio arquitetônico que abrigam os museus, seus acervos e quais grupos sociais estão representados por eles.

Tradicionalmente os museus são entendidos como espaço de preservação, comunicação e pesquisa com relevante papel social. Porém, apesar da evolução do conceito e das atividades realizadas, muitos ainda trabalham na perspectiva da contemplação do acervo. Em alguns casos, ainda não foi estabelecida de fato uma relação de pertencimento e reconhecimento.

O serviço de um museu ou lugar de memória deveria ter como fim garantir que todos, de alguma maneira, sintam-se representados. Eles detêm um importante papel na formação do “pensamento social, pois neles encontram-se materializados discursos sobre a história e sobre o território” (REIS, 2021, p. 76). Por este viés, o museu também pode se tornar um símbolo de poder, pois qualquer narrativa patrimonial, inclusive a museográfica, é produzida a partir de “escolhas, disputas de poder e silêncios”. Essa seleção produz recortes narrativos e pode gerar ausências, ou ainda, produzir o “não dito” (IBRAM; MHN, 2017).

Tendo em conta a relação dos museus e dos lugares de memória caxienses com a evolução da ocupação do território, se pode perceber esses recortes também presentes na cidade e nas edificações que permaneceram, naquelas que se tornaram ausências, ou ainda, nas valorizadas material e simbolicamente, ao receber novos usos como museus, centros culturais, etc. Para Rolnik (1994), assim como lemos um texto, a cidade pode ser considerada uma escrita, pois nela é possível ler os diferentes espaços e tempos a partir de suas ruas e de suas construções. Por isso, precisamos atentar não só para o que permanece nessa leitura, o que se escolheu recortar para dar continuidade a uma narrativa. O conhecimento do que se escolheu descartar ou silenciar e das lacunas existentes é importante para percebermos que histórias estamos contando e quais deixaram de ser narradas.

Para caracterização da realidade caxiense, foi elaborado um quadro organizado a partir da identificação das fases de produção do espaço, associando a elas a nomenclatura dos museus ou lugares de memória como são conhecidos hoje; a data de construção das edificações que abrigam seus acervos atuais; o uso original; o ano de fundação do museu; a categoria (público ou privado); o ano em que o museu ou lugar de memória passou a ocupar a edificação mencionada no início; o ano de tombamento, quando for o caso; o contexto (rural ou urbano); e, por fim, a temática dos seus acervos (quadro 1).

Como pode ser observado no quadro, três edificações foram construídas na primeira fase de colonização e fundação, todas com uso residencial inicialmente; dez na etapa de consolidação agrícola e vitivinícola, variando os usos entre residencial, comercial, industrial, religioso e hospitalar; cinco naquela de industrialização, com atividades de tipografia, residencial, educacional, esportivo e um já sendo edificado como monumento, mas com espaço expositivo; uma na de diversificação econômica, já sendo edificados para abrigar seu acervo de ciências naturais; e, um na Caxias contemporânea, outro monumento, mas também com espaço expositivo em sua base.

Na terceira fase são fundadas quatro instituições museais ou de memória, duas delas coincidindo com as comemorações do centenário da imigração italiana na Serra Gaúcha (1975); sete são da quarta fase, período em que se inicia uma diversificação da economia e uma maior oferta de atividades culturais na cidade; e outros nove na contemporânea, consolidando cada vez mais as opções ligadas à memória e à cultura. Do total pesquisado, oito instituições são públicas e doze privadas, estas últimas mais concentradas na quarta e quinta fases, o que leva a crer que a sociedade está atribuindo maior valor ao patrimônio, inclusive pela sua exploração turística e,

consequentemente, econômica. Do total, temos quatro ofertas no meio rural e dezesseis no urbano, com oito edificações tombadas, sendo que apenas uma delas acumula o municipal e o estadual, que é o Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

No entanto, a maior diferença está em relação ao acervo, pois dez instituições, a metade, trabalham com temas da imigração italiana ligados a objetos da casa e do trabalho. Além disso, se considerarmos o material religioso dessa época de imigração, temos mais três locais de exposição: além daqueles ligados à metalurgia e à guerra, vinculados também a descendentes de imigrantes italianos. Os cinco espaços restantes têm temáticas únicas, ligadas à área médica, musical, esportiva, obras de artistas locais e ciências naturais. O único acervo dos povos originários está em um pequeno espaço junto ao Museu Municipal e não foram encontrados na pesquisa elementos ligados aos descendentes de povos escravizados ou de outras etnias de imigrantes. É importante destacar que pesquisas indicam a presença de povos originários, no território da Colônia Caxias, assim como de descendentes de povos escravizados na área urbana e rural, antes e logo após a chegada de imigrantes italianos. Outra questão é que o município está em uma posição geográfica entre áreas colonizadas por imigrantes alemães e os Campos de Cima da Serra, que já tinham população formada por várias etnias, permitindo trocas culturais. Além disso, no século XX teve incorporados ao município alguns distritos, um deles da região de imigração alemã (Vila Cristina) e outros cinco de São Francisco de Paula (Vila Seca, Vila Oliva, Criúva, Fazenda Souza e Santa Lúcia do Piaí), o que atesta que algumas vozes não estão sendo narradas pela história de Caxias do Sul. Portanto, parece faltar representatividade nos museus e lugares de memória para os diferentes grupos sociais que formaram e transformaram esse território.

Se o patrimônio pode ser um recurso político capaz de reduzir ou ajudar no combate à desigualdade, “musealizar” o território também pode ser uma estratégia de administração da memória e instrumento de desenvolvimento social (OLIVEIRA, 2013). Com a ampliação do discurso museal, os grupos marginalizados e minorias buscam por valorização: “o reconhecer-se tornou-se uma reivindicação” (REIS, p. 77).

Muitos passos além: Percursos futuros

Ao longo do tempo, os museus se abrem e o “museu caixa-forte” e “refúgio nostálgico” se torna “museu-laboratório” ou “museu-escola”, torna-se um “museu aberto” onde a “comunidade se encontra e se expressa” (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 40).

Essa ideia, do museu como lugar político (CURY, 2017), não é nova. Ela permite uma autonarrativa, a fim de visibilidade e diálogo social, afirmando-se como diferente, com particularidades (REIS, 2021). A ação política, a partir da discussão e da construção da memória e da identidade já está posta há um bom tempo e, no caso dos instituições museais, avançou a partir da década de 1970 com o modelo de ecomuseu de Varine e Rivière, que integram projetos museológicos diversificados, associados aos conceitos “museus de comunidade” e “museu de território” (REIS, 2021, p. 84).

O primeiro não é especializado e traz exposições temporárias sobre assuntos variados, como história, ciência, arte, problemas sociais, escolhidos por diferentes grupos com objetivos pedagógico e social (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 37). O ecomuseu tem uma dinâmica mais abrangente, pois integra os habitantes, os visitantes e também a ecologia da região rural ou industrial que o circunda e, assim, torna-se um museu que combina a dimensão espaço-tempo: “é um espelho no qual a população olha para si mesma para reconhecer-se, procura a explicação para o território ao qual está ligada, juntamente com a das populações que a precederam na descontinuidade ou na continuidade das gerações” (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 37). Particularmente, o museu de território tem o olhar mais voltado à própria comunidade onde se insere. Ele é formado por um “percurso a partir de pontos de memória que remetem a locais que foram importantes na história do grupo, com a ideia justamente de trazer as memórias à tona” (REIS, 2021, p. 83).

Na Região da Serra Gaúcha temos, majoritariamente, um discurso de *italianità*, uma identidade moldada pela narrativa dominante dos imigrantes italianos e que, em grande parte, foi difundida pelos museus. É algo que já está posto, mas quando se mapeia e se ficha, isto toma uma outra proporção. Por este olhar é que se sugere que Caxias do Sul repense a

representatividade dos seus acervos museológicos e lugares de memória, de acordo com os grupos culturais que ajudaram a construir este município.

Muitos defendem que precisamos explicitar o que nos une, mas será que trazer à tona o que nos diferencia não permitiria que todas as histórias fossem contadas? Só assim, sem rótulos, respeitando e se enxergando como uma cidade plural, não poderíamos desenvolver respeito pelas diferentes narrativas? Não só a dos imigrantes italianos e seus descendentes, lembrando que também vieram de uma escassez, muitos fugindo da fome na Europa e que, em maior ou menor grau, contaram com o apoio do poder público à época. Com o acesso à terra garantido, conseguiram se desenvolver do ponto de vista social, econômico e educacional, superaram suas dificuldades e fizeram dos seus feitos uma narrativa que os une enquanto grupo. A valorização da produção arquitetônica, que é vernacular, dos elementos presentes nos museus, enfim de sua cultura de origem popular, só veio bem mais tarde.

Correlacionar os pontos do percurso dos povos originários ligando-os com os sítios arqueológicos já estudados e gravados no Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI), dos povos escravizados que saem das fazendas dos Campos de cima da Serra e migram em busca de melhores condições de vida pode ser um caminho. Em conjunto com as comunidades, pode ser pensado um museu de território, com preservação da paisagem natural ou já modificada pela ação antrópica. Além disso, os imigrantes de diferentes etnias continuam chegando a cada nova fase econômica e, consequentemente, de produção do espaço urbano e rural em Caxias do Sul, que continua em uma curva ascendente de crescimento da população e de mudanças em suas funções produtivas.

Em uma palestra na Universidade de Caxias do Sul, o jornalista Caco Barcellos chamou a atenção para o fato de que “toda pessoa guarda consigo uma grande história se você estiver disposto a ouvir”. É preciso reconhecer que esse processo já teve início em Caxias do Sul e algumas dessas histórias já podem ser ouvidas, só para citar uns poucos exemplos, além das experiências já mencionadas referentes ao MUSCAP:

- 2006: no tema da Festa da Uva, elaborado pelo prof. José Clemente Pozenato, “A alegria de estarmos juntos”, fazendo menção aos diferentes grupos culturais agora presentes nessa celebração, originariamente pertencente aos imigrantes italianos e seus descendentes;
- 2019: o Museu de Território de Galópolis, um projeto do Instituto Hércules Galló, que tem como objetivo preservar a memória do bairro e gerar renda;
- 2023 e 2024: o Arquivo Histórico Municipal organizou diversas atividades ligadas ao mês da consciência negra. Além disso, ampliou o acervo de entrevistas do Banco de Memória Oral, com registros em áudio, vídeo e fotografias com moradores do bairro Euzébio Beltrão de Queiróz.
- 2024: o Aldeia SESC promoveu a pintura de um mural na EPI Imigrante que retrata os diferentes grupos sociais que ajudaram a formar este território, povos originários, negros, imigrante italiano;
- movimentação cultural chegando nas periferias com iniciativas públicas e privadas.

O direito à memória se consolida com a “construção da identidade social” (REIS, 2021, p. 89). Por isso, memória e identidade, também mudam com o tempo, “constituídas a partir da negociação com o outro, por meio de disputas sociais e políticas” (REIS, 2021, p. 88). Então, para que a representatividade seja efetiva de fato, o caminho futuro é amplificar e fazer ecoar estas vozes, principalmente da periferia e do meio rural. Enaltecer as nossas diferenças e particularidades sim, mas com o intuito maior de valorizar os fazeres e saberes de grupos distintos, mas que na coletividade construíram Caxias do Sul.

Legenda: Complexo de edificações dos Freis Capuchinhos, composto pela Igreja e demais instituições. A antiga tipografia abriga o MusCap.



Legenda: Museu dos Capuchinhos no Google Street View



Referências

CURY, Marília Xavier. **Lições indígenas para a descolonização dos museus:** processos comunicacionais em discussão. Cadernos CIMEAC. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, MG: v. 7, n. 1, p. 184-211, jul. 2017.

GIRAUDY, Danièle; BOUILHET, Henri. **O museu e a vida.** Trad. Jeanne France Filiatre Ferreira da Silva. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS; MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. **Museus e histórias controversas:** Dizer o indizível em museus. 15ª Semana de Museus. 2017. Disponível em: https://antigo.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Texto_SemanaMuseus2017.pdf. Acesso em: 16 jan. 2025.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade:** a história de Caxias do Sul 1875-1950. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

OLIVEIRA, Carlos Augusto de. **A musealização do território como estratégia de gestão do patrimônio e administração da memória.** Revista Memorare. Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Tubarão, v. 2, n.2, p. 34-51, jan./abr. 2013.

REIS, Gabrielle Alves. **Os museus de território enquanto estratégia de mobilização do patrimônio ambiental e cultural**. Revista CPC. Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP: v.16, n.31, p. 69-94, jan./jun. 2021.

RISSI, Matheus Lopes. **Evolução urbana a partir da implantação dos museus em Caxias do Sul/RS**. Estágio em Arquitetura e Urbanismo [Relatório científico]. Orientação: profa. Dra. Terezinha de Oliveira Buchebuan. Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Caxias do Sul. 2023.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SILVA, Túlio dos Reis da. **A história do crescimento urbano de Caxias do Sul**: do milagre econômico à redemocratização. [Recurso online]. Caxias do Sul: Educs, 2018.

SOUZA, Célia Ferraz de; MÜLLER, Doris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1997.

TALIESem – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo. **Museus em Caxias do Sul**: Um olhar sobre o território, as edificações e seus acervos. [Relatório científico]. Orientação: profa. Dra. Terezinha de Oliveira Buchebuan. Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Caxias do Sul. 2025.

E-mail: taliesem@ucs.br e tobuchebuan@ucs.br Página: <https://taliesem.wixsite.com/website>
Facebook: Taliesem Instagram: @taliesem Link FLIP _ clipping (publicações e reportagens em diferentes mídias sobre o TaliesEM): <https://online.fliphtml5.com/yrffh/tvkh/#p=172>

Especial 1 Vida longa ao MusCap!

O Museu dos Capuchinhos comemora 25 anos de atuação em Caxias, mas sua trajetória já soma 40 anos de existência, construída com o apoio de muitas mãos. Frades, pesquisadores, amigos, curiosos e apoiadores fizeram desse espaço uma realidade, um museu plural e acessível, fruto do trabalho coletivo entre a Província dos Capuchinhos do RS e da sociedade civil. Mais do que preservar a memória, o MusCap segue vivo porque é constantemente renovado por aqueles que acreditam na cultura e no conhecimento. Hoje, esse espaço pertence a todos que acreditam na força da memória, na importância da cultura e no poder da colaboração coletiva.

Frei Irineu Trentin Professor e mestre pela Pontifícia Universidade Gregoriana — Roma



O MusCap é uma riqueza de história, arte, cultura e religiosidade. Preserva a memória da Província dos Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul, a vida dos Freis em suas áreas de atuação e missão, e a espiritualidade franciscano-capuchinha. Possui um variado acervo muito bem selecionado e conservado que dialoga com o passado, presente e futuro. Coordenado pelo Frei Celso e equipe, o MusCap é local de pesquisa, estudo e exposições. Merece ser visitado. Parabéns pelos 25 anos e vida longa ao MusCap.

Regina Cunha Becker – Professora e primeira voluntária do MusCap



Eu era professora na Lefan e lembro quando o Frei Celso veio perguntar se alguém gostaria de ser voluntária no Museu que estava iniciando. Fui a primeira a abrir uma caixa de livros e, mesmo sem conhecimento na área, organizei a biblioteca. Organizei a Secretaria, o acervo de fotos, digitei muitos depoimentos de histórias orais dos Freis. Na época, estava cursando História e fui a primeira estagiária do Museu. Durante meu estágio de Patrimônio, organizei a exposição sobre o Frei Rovílio Costa. Por 10 anos, conheci muitas pessoas, muitos Freis, fiz muitas amizades, e tudo o que aprendi no Museu não aprenderia em uma universidade. Eterna gratidão por ter o privilégio de aprender e ampliar meus conhecimentos.

Suzana Missaglia Assessora pedagógica na 04 CRE



25 anos de muitas histórias, exposições, atividades educativas, entrevistas tudo inovador, despertando a curiosidade e ensinando sobre patrimônio, pertencimento, comunidade, arte e cultura.

Frei Moacir P. Molon – Jornalista e Editor



Reconhecer a missão que o MusCap cumpriu de forma heroica e brilhante no percurso de 25 anos, entendendo como o gesto necessário e indispensável a ser lembrado. Será esta lembrança

que lhe garantirá seguir na caminhada futura como instituição imprescindível na história da Ordem dos Capuchinhos no Sul do Brasil.

Shirlei Omizzolo - Coordenadora da Diretoria de Cultura e Educação da CIC



Meu sentimento é de gratidão por saber que a história de Caxias do Sul e dos Frades está guardada e cuidada com muito zelo pela maravilhosa e competente equipe que integra o Museu dos Capuchinhos. A preservação da história é fundamental para o futuro de uma sociedade, e é com grande admiração que parabenizo o Museu dos Capuchinhos pelo trabalho dedicado à história, cultura e arte de Caxias do Sul. Parabéns pelos 25 anos!

Denise Pessoa – Deputada Federal



O Museu dos Capuchinhos é um espaço cultural exemplar. Seu quadro técnico qualificado, a programação intensa e sempre feita com muito esmero estético e apuro conceitual, as atividades formativas que transformam vidas e o acolhimento carinhoso tornam o MusCap referência a ser seguida. Todos precisam conhecer esse museu e aprender como o patrimônio cultural deve ser cuidado e perceber que a arte e a cultura tornam a vida melhor. São 25 anos de conhecimento, beleza e resistência.

Clene J. Dal Bó – Amiga do Museu



Sempre que eu fui ao museu eu achei muito legal. A organização, os pensamentos para fazer as exposições e a valorização de todos que passaram por aí e fizeram história em Caxias. Eu admiro muito todo o trabalho e a dedicação de todos. O museu é um lugar que eu vou e pretendo ir sempre. Parabéns pelos 25 anos de história.

Cristina Nora Calcagnotto - Produtora Cultural e, atualmente, Secretária Adjunta da Cultura de Caxias do Sul



O MusCap é referência em um trabalho sério, comprometido e de vanguarda que se propõe à preservação da história e à manutenção de uma memória, seja por documentos, história oral, imagens ou objetos. Traz, com excelência, o resgate do legado dos Freis traduzido em arte, cultura e educação. Vida longa!

Frei Claudelino Antônio Brustolin Coordenador da LEFAN e Casa São Frei Pio



MusCap 25 anos. Visualizar processo de caminhada, avanços, conquistas, dificuldades não esmoreceu os sonhos de quem acreditava que é possível manter viva a história da Província e dos frades. Conservar acessa a memória, a curiosidade, a criatividade e a preservação do acervo histórico, cultural da um novo impulso e um novo sentido para mais 25 anos. Parabéns pela perseverança.

Nivaldo Pereira – Jornalista



É com muita alegria que eu celebro os 25 anos do Museu dos Capuchinhos. Estive em sua inauguração e, no cinema transcendental da memória, vejo passar agora um filme de cenas lindas. Reconheço imagens raras dos tantos acervos da Ordem e outras de costuras artísticas da melhor qualidade, entre eventos sempre afinados com a cultura local e com o melhor do humano. Como também adoro o espaço físico do museu, torço para que este meu filme afetivo renove-se futuro adiante. Avante, Muscap! E parabéns pela excelência de sempre.

Silvana Boone - Doutora em Artes Visuais, Professora na Universidade de Caxias



O Museu dos Capuchinhos, ao longo dos seus 25 anos foi responsável por aproximar o público local da arte sacra, mas sem perder o foco do cenário contemporâneo. O MUSCAP é patrimônio artístico e religioso da Serra Gaúcha; um espaço expositivo com cuidado estético apurado que diversifica conceitos e se posiciona como um lugar de debate crítico sobre a sociedade e as relações explícitas e implícitas no campo da arte.

Thaise Marchesini Sobroza – Arquiteta



Amado Muscap, você me apresentou amigos, cultura e um pouco mais do meu lar. Você, que já tinha grandes e notáveis fãs, capturou mais uma para o seu fã clube. Você virou dono de algumas das minhas manhãs, do meu trabalho de conclusão de curso, e objeto de contemplação admirável na minha vida. Talvez não só por tudo que fez, mas pelas pessoas que me foram apresentadas por você. Conhecendo sua história, vi nossa relação museu-voluntária sendo materializada. Você me trouxe mestres, amigos - até mesmo um marido, e ensinou sobre histórias, memórias e vida (muita vida!). Obrigada por tanto, te desejo vida longa - e também para todos que compõem o museu.

Especial 2 Celso Bordignon: O Artista e professor que transformou o MusCap

por Christian de Lima

Legenda: Frei Celso na exposição sobre imigração italiana no MusCap em 2025.



Antes de começar a escrever este texto que agora vocês irão ler, refleti sobre as inúmeras possibilidades que este espaço especial da revista poderia abordar. São muitos os temas que dariam uma excelente matéria, afinal, o Museu dos Capuchinhos tem uma trajetória rica em histórias que merecem ser contadas.

Porém, sendo esta uma edição especial, voltei meu olhar para uma das figuras fundamentais na construção do que o museu é hoje: nosso diretor, frei Celso Bordignon. Desde a década de 1980, Celso tem estado à frente do museu, dedicando-se à preservação da memória e do patrimônio cultural dos Capuchinhos, e, nos últimos 25 anos, consolidou o MusCap e sua atuação como uma instituição referência na região.

Neste ano de 2025, celebramos com alegria os 25 anos do museu em Caxias do Sul e, em 2024, foi comemorado os 70 anos de Celso, décadas de uma trajetória marcada pelo compromisso, pela vida fraterna, pela arte e pela sua visão de vida.

Celebrarmos estas datas é, acima de tudo, considerar um legado. Ao longo desse percurso, Celso não apenas preservou e ampliou o acervo do museu, mas também fomentou pesquisas, incentivou publicações e abriu caminhos para que o MusCap se tornasse um espaço completo no que se propõem. Seu trabalho ultrapassa os limites da instituição e reverbera em cada exposição, em cada documento conservado, nos projetos que levou o museu para além de suas estruturas. Compreendeu que preservar não é apenas guardar, mas dar sentido, conectar passado e presente, transformar conhecimento em experiência viva.

Celso desde cedo desenvolveu a sensibilidade para a arte. Em Cachoeira do Sul, contou com o apoio de sua irmã, Conceição, que lhe permitia explorar os materiais artísticos, testá-los e desenhar livremente, sem repreensões. Um gesto simples, mas fundamental para o início de sua trajetória.

Em uma conversa, ela me diz: “Os pincéis já desgastados, as telas usadas nos exercícios, os goivos detonados numa tentativa de esculpir um galho de guajuvira, madeira duríssima, as sobras de carvão para desenho... sobras de papéis... tudo ele experimentava. O artista estava ali, latente, naquele adolescente/adulto querendo apenas se expressar colocando seus monstros para fora. O Celso é meu artista favorito. Eu me encanto com tudo que ele produz, o esforço que fez e ainda faz para ser cada vez mais autêntico e verdadeiro ao expressar o melhor de si com muita criatividade. Isso tudo é fruto de muito estudo e perseverança, qualidades próprias dele que eu admiro. Saber que tudo aconteceu por minha causa é motivo de alegria e orgulho. Posso afirmar que, com minha escolha lá atrás, sem nenhuma pretensão, consegui oferecer ao mundo o melhor que tinha na ocasião. Deus escolheu o Celso para uma dupla missão. Eu só dei uma mãozinha.”

Em 1976, deixou sua cidade natal e mudou-se para Flores da Cunha, onde iniciou seus primeiros estudos religiosos. Assim, um novo capítulo se abria diante dele, feito de silêncio, oração e descobertas. O tempo seguiu seu curso e, em 1984, partiu para São José do Norte, onde atuou até 1988. Neste ano, deu mais um passo importante, mudando-se para Porto Alegre e, logo depois, em 1989, para o Rio de Janeiro, onde aprofundou seus estudos em arte, conservação e restauro. Foi neste período que conheceu a museóloga e especialista em restauração Magaly Oberlaender, uma das principais e mais importantes museólogas brasileiras.

Magaly desempenhou um papel essencial em sua trajetória, acolhendo-o, orientando-o e abrindo portas que o impulsionaram no campo da conservação e do restauro. Com seu incentivo, Celso não apenas ganhou experiência prática em importantes projetos de restauração na cidade, mas também consolidou seu reconhecimento na área.

Paralelamente, aprofundou seus estudos em arte no Parque Lage, onde teve contato com grandes nomes do cenário artístico. Passou ainda pela Fábrica de Arte da Universidade Santa Úrsula e, sob a orientação da professora e artista Maria Cecília Castro Pinto, aprimorou sua técnica em pintura. Esse período no Rio de Janeiro foi decisivo para sua formação artística e acadêmica, ampliando suas perspectivas e consolidando sua base profissional.

“É grande a alegria quando se fala de uma pessoa que muito se quer e se tem grande admiração, principalmente, por ser um amigo de, pelo menos, três décadas. Eu o conheci quando, com seu jeitinho franciscano de ser, pediu estágio no projeto que eu coordenava de restauração da igreja da Ordem III de São Francisco do Rio de Janeiro. Seu entusiasmo com o aprendizado, dedicação com o trabalho e interação com o resto da equipe me encantaram de tal forma que acabou indo também para meu atelier, onde nos contemplou no horário do lanche com alegres e divertidos momentos regados a café e seu famoso pão. Mas, infelizmente, essas nossas tardes alegres de trabalho duraram pouco porque ele foi para Roma em busca de outros aprendizados para contemplar sua alma sempre ávida de novos conhecimentos. Egoisticamente fiquei triste pela separação, mas ele tinha todo mundo a sua espera, como foi provado através de seus constantes e diversificados caminhos pelos quais sua vida seguiu. Acompanhei de perto sua inclemente batalha para a instalação e manutenção do Museu dos Capuchinhos, projeto de grande envergadura e único no Brasil e que, atualmente, preenche os maiores requisitos da nossa museologia. E daí surgiu como cria *Le Musée*, uma revista muito bem editada e com conteúdo de alto nível. O seu excepcional trabalho como artista plástico retrata um pouco do seu espírito inquieto e perscrutador da vida. Suas investidas exitosas em várias áreas são inúmeras, mas nunca deixando o sucesso invadir sua simplicidade. E coroando tudo isso, é um franciscano de elevada estirpe, cumprindo a missão assumida com louvor. Frei Celso é a síntese de todo o conjunto de suas obras que a tudo realizou com grande dedicação e amor, quer seja como franciscano, artista, restaurador, fitoterapeuta, preservador de patrimônio cultural, jardineiro, museólogo, administrador, iconólogo, professor, cozinheiro e por aí vai. Orgulhosamente ostento minha amizade com frei Celso Bordignon, a quem devoto grande carinho e peço ao nosso querido São Francisco que o proteja e guie sempre nessa vida em seus projetos e sua missão como franciscano”, comenta Magaly.

A necessidade de especialização para atender às demandas do futuro Museu dos Capuchinhos, já aprovado pelo conselho provincial, levou Celso em 1990 para além-mar. Em Roma, cursou mestrado no Pontifício Instituto de Arqueologia Paleo-Cristã, permanecendo na cidade até 1993. No ano seguinte, retornou ao Brasil e estabeleceu-se em Caxias do Sul com um propósito claro: estruturar a sede do museu na cidade. Com o então projeto aprovado, iniciou a tarefa de reunir o acervo, trazendo as peças já recolhidas que estavam em Veranópolis.

Em 1997, voltou à Itália para aprofundar sua formação, desta vez para o doutorado, também pelo mesmo instituto. Ao regressar ao Brasil, em 2000, viu seu sonho se concretizar. Após anos de planejamento, reformas e organização, o Museu dos Capuchinhos foi inaugurado no prédio da antiga Gráfica e Editora São Miguel, no dia 06 de dezembro de 2000, uma data que marcou o início de uma nova fase. A partir daí, o MusCap começou a trilhar novos caminhos, expandindo sua atuação, consolidando-se como um espaço dinâmico de preservação, pesquisa e cultura.

Frei Moacir Mollon, amigo de longa data do Museu dos Capuchinhos e de Frei Celso, possui um olhar sensível para a fotografia. Sua maneira de enxergar o mundo vai além da técnica; é uma busca por significado, por histórias preservadas na luz e na sombra de cada imagem. Em um momento deste, afirmou que “O olhar tem a vantagem de ser móvel, o que não é o caso do ponto de vista.” Essa perspectiva também se aplica à maneira como vemos um museu, não apenas como um espaço fixo, mas como um organismo vivo, em constante transformação. Frei Moacir acompanhou passo a passo a formação do MusCap, e ao recordar sobre este período, destacou:

“Quem tem causa luta, não importa se nem todas as batalhas são coroadas de êxito. Vale a causa e dar tudo por ela. Deixo meu louvor a Frei Celso por ter abraçado a Causa MusCap no decorrer dos 25 anos de sua história, mas sem esquecer a pré-história do Museu dos Capuchinhos. Foi valiosíssimo o empenho do confrade, voltado para a busca, coleta e preservação de acervos que corriam alto risco de sobrevivência. Por outro lado, fico agradecido ao MusCap por ter acolhido alguns itens do meu acervo pessoal e por vários deles, na reserva técnica, já terem integrado mostras e exposições. Não considero mais que obrigação colaborar com a Le Musée cujo título foi por mim sugerido e fraternalmente acolhido pela equipe fundadora da publicação”

Com a abertura oficial ao público, o museu deu início a um novo capítulo de sua história. Frei Celso, que sempre esteve à frente da instituição desde a década de 1980, passou a conduzi-la oficialmente como diretor, ampliando sua atuação e buscando novas formas de alcançar diferentes segmentos da comunidade, tornando seu acervo ainda mais acessível. O objetivo não era apenas preservar a história dos Capuchinhos, mas também criar conexões que permitissem ao público conhecê-la e vivenciá-la de maneira significativa. O primeiro passo foi investir na qualificação da equipe, um compromisso que permanece essencial até os dias de hoje. Para garantir o cuidado necessário com o patrimônio, foram contratados profissionais das áreas de Museologia, História, Biblioteconomia e Conservação e Restauro. Com isso, o museu fortaleceu sua missão de salvaguardar não apenas a memória dos frades, mas também a memória da região. E assim, ao longo dos anos, Celso manteve um olhar atento às transformações e desafios contemporâneos, promovendo adaptações para que o museu acompanhasse as demandas do tempo e da sociedade. Seu trabalho impulsionou reflexões sobre o papel do museu como um espaço de grande valor para a comunidade.

Nestes 25 anos, Celso manteve seu compromisso com a essência do Museu dos Capuchinhos, promovendo cursos, oficinas, exposições, palestras e encontros que ampliaram o diálogo com a comunidade. Buscou aproximar professores e pesquisadores, incentivando a troca de conhecimento e o aprofundamento dos estudos sobre as mais diversas áreas do conhecimento. Cada ação reforça o papel do MusCap como um espaço de aprendizado, reflexão e pertencimento.

O trabalho diário da equipe mantém viva a memória dos Capuchinhos e o legado construído pelo museu desde sua fundação. Frei Celso, sempre presente, acompanha de perto o dia a dia com

entusiasmo, garantindo que cada pessoa que entra no museu tenha uma experiência enriquecedora. Sua observação e sua dedicação fazem do Museu dos Capuchinhos não apenas um guardião do passado, mas um espaço acolhedor e pulsante, onde história, cultura e comunidade se encontram.

Vida longa ao MusCap! Vida Longa ao Frei Celso! Os funcionários, colaboradores, voluntários e amigos do Museu expressam seu profundo reconhecimento a você, pela amizade, dedicação e pelo incansável empenho em preservar e fortalecer este importante espaço de memória no Rio Grande do Sul.

E, para concluir, compartilho as palavras do Ministro Provincial, Frei Álvaro Morés: “Nós, freis Capuchinhos, reconhecemos o empenho, o trabalho, a competência e a persistência de frei Celso Bordignon nestes 25 anos em que ele está na direção do MusCap. Temos consciência que graças a ele e aos profissionais que o assessoram, a memória e o patrimônio histórico e cultural da Província e dos Frades estão salvaguardados. Ao frei Celso nossa gratidão pelo serviço prestado”.

Legenda: Frei Celso em processo de criação para sua exposição dos 70 anos, em 2025.



Legenda: à esquerda, ao lado de outros freis, Celso inaugura oficialmente o MusCap em 6 de dezembro de 2000. À direita: Frei Celso em Porto Alegre, 1980.



Legenda: à esquerda: Rio de Janeiro, 1989. À direita: Frei Celso em 1991, com seu primeiro ícone pintado.



Juventino Dal Bó, diretor do Museu Municipal de Caxias do Sul em diversos períodos.

Na transição do séc. XX para o XXI muitos museus tiveram que se adaptar para assumir o papel de instituições dinamizadoras da vida cultural no território onde estavam inseridos. Na nossa região não foi diferente. Quando o Frei Celso procurou os museus que eu dirigia, todos municipais, estavam em plena atividade e tínhamos o desejo de apoiar todas as iniciativas regionais que se propusessem um trabalho de preservação/conservação de acervos acompanhado de ações de educação patrimonial. Infelizmente, a grande maioria dos museus da região, no período, era municipal, com quase nenhuma verba e altíssimo rodízio de pessoal, o que inviabilizava um projeto consequente. Frei Celso, à frente de uma reduzida equipe de profissionais, imprimiu no recém nascido MusCap, um dos preceitos fundamentais da nova museologia, "Museu pronto é museu morto", há que se reinventar constantemente e para isso estar próximo e trabalhar com a comunidade é o mandamento fundamental. Com uma enxuta equipe de técnicos, conseguiu em poucos anos resultados surpreendentes em termos de pesquisa, restauração, conservação, exposição, divulgação e educação patrimonial, revelando as múltiplas faces que podem assumir a cultura viva e presente de uma comunidade.

Legenda: Frei Celso e Juventino Dal Bó.



Entrevista Margareth Menezes



Margareth Menezes é cantora, compositora, atriz, gestora cultural, empresária e atual ministra da Cultura do Brasil. Em 36 anos de trabalho, já soma 17 obras lançadas, entre LPs, CDs e DVDs, e 23 turnês internacionais por todos os continentes. Ganhadora de dois troféus Caymmi, dois troféus Imprensa, quatro troféus Dodô e Osmar, além de ser indicada para o Grammy Awards e Grammy Latino. Além da carreira artística, fundou há 18 anos, em Salvador, a Associação Fábrica Cultural, organização social que desenvolve projetos nos eixos de Cultura, Educação e Sustentabilidade. Margareth faz a gestão de seu selo de música e tem uma carreira construída como artista independente. É considerada uma das 100 mulheres negras que mais influenciam no mundo pela Most Influential People of African Descent (MIPAD), instituição reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) e é membro da IOV Unesco como embaixadora da Cultura Popular.

1. No cargo de Ministra da Cultura, quais as ações que estão sendo implementadas que visam democratizar o acesso à cultura em nosso país.

[Margareth Menezes] Quando aceitei a missão de assumir o Ministério da Cultura (MinC) dada pelo nosso Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, encontramos toda uma estrutura de cultura dismantelada. A arte não era reconhecida como prioridade no governo anterior. Nesses um ano e dez meses de gestão, reestruturamos a pasta e estabelecemos novas ações estratégicas que visam fortalecer a cultura brasileira e democratizar o acesso a todas as manifestações artísticas e culturais no país.

Em 2023, tivemos investimentos significativos com a Lei Paulo Gustavo (LPG), repassando R\$3,8 bilhões a 100% dos estados e 98% dos municípios brasileiros que aderiram. Além disso, a Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB) garantiu R\$15 bilhões até 2027 para todos os estados e 97% das cidades do Brasil, beneficiando mais de 5.900 Pontos de Cultura espalhados pelo país.

Os entes federativos devem priorizar os recursos aos agentes culturais locais, valorizando práticas, saberes, fazeres, linguagens, produção, fruição artística, patrimônio, memória, diversidade, cidadania e cultura local.

Realizamos em março deste ano, em Brasília, a 4a Conferência Nacional da Cultura (4a CNC), com a presença de 5 mil pessoas, marcando a democratização da cultura. O evento celebrou o engajamento cultural de todas as regiões do Brasil e foi a primeira conferência dedicada ao meio digital e aos trabalhadores da cultura. Foram aprovadas 30 propostas prioritárias para a elaboração do Plano Nacional de Cultura (PNC) para os próximos 10 anos.

Em abril, o presidente Lula sancionou o Projeto de Lei (PL 5206/2023), instituindo o marco regulatório do Sistema Nacional de Cultura (SNC) para garantir os direitos culturais, organizado em regime de colaboração entre os entes federativos para a gestão conjunta das políticas

públicas.

O SNC estrutura e organiza a gestão cultural no Brasil, articulando e pactuando entre os entes federados (Município, Estado e Governo Federal), sendo um marco legal para estruturar as políticas em todas as cidades e estados.

Com o Novo PAC Seleções, serão destinados R\$430,9 milhões para projetos de engenharia e arquitetura para a recuperação do Patrimônio Histórico e a construção dos CEUs da Cultura, um equipamento público de uso cultural e caráter comunitário que integra o Programa Territórios da Cultura. Serão construídos 300 equipamentos deste tipo, destinados a áreas de vulnerabilidade socioeconômica, tornando a cultura um instrumento de combate à desigualdade social.

Na primeira etapa, 195 CEUs foram disponibilizados para 189 municípios do país, em 24 unidades da federação, com um investimento de R\$390 milhões. Na segunda fase, serão ofertados 105 CEUs, ampliando a cobertura nacional em 46%.

Não podemos deixar de citar também o Programa Retomada Cultural RS, anunciado em julho, em Porto Alegre, com ações voltadas para o setor de museus. Entre as ações específicas, está o apoio financeiro de R\$30 mil a todos os Pontos de Memória afetados, sem concorrência, por meio do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

Temos ainda o Programa Nacional dos Comitês de Cultura (PNCC), que completou um ano no dia 28 de setembro, e que foi pensado para ser elo entre a população e a construção das políticas públicas de cultura, sendo uma promessa de campanha do presidente Lula. Organizados em 26 unidades da federação e com a seleção de 601 Agentes Territoriais de Cultura para atuar em todo o país, os comitês realizaram dezenas de oficinas e de ações de mobilização reforçando seu compromisso com a democratização cultural.

2. Sabemos da riqueza cultural do nosso país, refletida em suas tradições, línguas, expressões artísticas e modos de vida diversos. Quais as políticas adotadas pelo ministério visando fortalecer e proteger essa diversidade cultural, reconhecendo as particularidades e os desafios associados à sua preservação?

[Margareth Menezes] As políticas culturais do Governo do presidente Lula visam atender o povo brasileiro e mostrar o potencial e a riqueza da nossa diversidade. A diversidade cultural é uma das nossas maiores riquezas.

Um exemplo disso é a assinatura dos primeiros contratos de projetos selecionados pelo Programa Rouanet Norte, com o Banco da Amazônia como patrocinador. O Programa Rouanet Norte selecionou 125 projetos que receberão R\$24 milhões em patrocínio. Ao menos R\$2,5 milhões serão destinados a cada estado da região por meio de incentivo fiscal concedido a quatro estatais: Banco da Amazônia, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Correios. O valor investido por projeto é de até R\$200 mil, com ações que começaram em julho e vão até o primeiro semestre de 2025.

A Lei Rouanet tem uma história de 33 anos de sucesso, mas havia uma concentração de oportunidades na região Sudeste. A região Norte era a menos contemplada. Decidimos trazer a oportunidade do fomento cultural para essa região, mostrando a diversidade e a potência do nosso povo. Assim como, o Programa Rouanet nas Favelas que selecionou 26 projetos nos territórios de favela das capitais Belém (PA), São Luís (MA), Fortaleza (CE), Salvador (BA) e Goiânia (GO); e suas respectivas regiões metropolitanas, que receberão ao todo R\$ 5 milhões via incentivo fiscal pela Lei Rouanet.

Outro exemplo é o Protocolo de Intenções entre a Fundação Nacional de Artes (Funarte) e a Casa da Moeda do Brasil (CMB), assinado em julho, para a transferência do imóvel do antigo Museu Casa da Moeda para a Funarte. Isso representa um grande avanço para a preservação do

acervo do Centro de Documentação e Pesquisa da Funarte, que conta a história das artes brasileiras.

Também temos a Política Nacional Cultura Viva (PNCV), que completou 20 anos em julho, reconhece e certifica os grupos culturais já existentes nos territórios e comunidades. Agora, com fomento garantido pela PNAB, a PNCV receberá anualmente R\$388 milhões para investir em seus territórios.

Foram investidos R\$33 milhões no Edital Cultura Viva Sérgio Mamberti, que valoriza as culturas populares, tradicionais e indígenas, além da diversidade brasileira e dos Pontos e Pontões de Cultura, premiando 1.117 iniciativas culturais em todas as unidades da Federação.

O Edital de Prêmio Cultura Viva - Construção Nacional do Hip-Hop destinará R\$6 milhões para 200 pessoas físicas, 75 grupos, coletivos ou crews (equipe de dança) e 50 instituições privadas sem fins lucrativos que promovem a preservação, a difusão e a valorização das expressões culturais da linguagem no Brasil.

Além disso, a preservação de acervos e da memória cultural brasileira são pilares para o desenvolvimento social e cultural do Brasil. Desde que retomamos o MinC, trabalhamos para alcançar toda a população, buscando fazer uma gestão inclusiva e democrática que alcance todas as brasileiras e brasileiros. É fundamental guardar essa memória e reconhecer o valor da nossa história cultural para compreender nossa identidade e projetar um futuro mais inclusivo.

3. Considerando a importância dos museus como espaços de preservação e educação, quais ações você considera essenciais para aumentar o engajamento da sociedade com essas instituições, levando em conta a diversidade do público e os desafios contemporâneos de comunicação e acesso à cultura?

[Margareth Menezes] As políticas públicas de museus foram retomadas em 2023 para fortalecer a participação social nos museus e na elaboração dessas políticas e espaços de construção coletiva. O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) é encarregado de criar, implementar, monitorar e avaliar as políticas públicas do setor, corroborando para a salvaguarda do patrimônio histórico nacional.

O aspecto museológico traz o desenvolvimento e o reconhecimento de tudo que a sociedade produz. O museu é um lugar que conta a história e guarda o futuro, pois é um lugar de referência para entender nossa trajetória e identidade.

Promover uma escuta ativa, ampliar e consolidar espaços de diálogo e criação conjunta, como o Fórum Nacional de Museus, cuja oitava edição ocorreu em agosto, em Fortaleza, depois de sete anos, são fundamentais para engajar a sociedade e ampliar a representatividade dos públicos nas atividades e planejamentos dos museus.

A disponibilização de acervos, cursos e atividades digitais, como o Cadastro Nacional de Museus e a Plataforma Digital Brasileira, também tem ampliado o engajamento de diversos públicos, inclusive aqueles que não têm acesso direto a museus em seus municípios.

4. Considerando a realidade de muitos museus e espaços culturais, que se encontram em condições precárias ou com recursos limitados, como o Ministério da Cultura está traçando políticas visando a conservação e a manutenção dessas instituições, de forma a garantir a preservação do nosso patrimônio cultural?

[Margareth Menezes] O MinC, por meio de suas vinculadas, como o Ibram e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), aplica recursos na manutenção e preservação dos museus e espaços culturais.

Lançamos, em julho, em parceria com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), a chamada pública Infraestrutura e Pesquisa de Acervos 2024, com um investimento de R\$250 milhões. A iniciativa visa apoiar a preservação, divulgação, pesquisa e restauração de acervos científicos, históricos e culturais de alto valor para o país.

Essa colaboração com o MCTI traz um volume significativo de ações de preservação do nosso patrimônio cultural e científico, alcançando todos os estados do Brasil.

Parcerias com diferentes órgãos do poder público, em todas as esferas, garantem recursos e ações técnicas, como os editais voltados para o patrimônio e memória do BNDES e Banco do Brasil, ou do Fundo de Direitos Difusos, do Ministério da Justiça.

Além disso, o Programa de Gestão de Riscos ao Patrimônio Musealizado Brasileiro, lançado em 2013, orienta as estratégias do Ibram e dos museus em relação à preservação e segurança dos acervos, utilizando a metodologia de gestão de riscos difundida para o setor e a sociedade, especialmente em ações educativas e de capacitação.

Legenda: Abertura da Reunião do Comitê Gestor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)



Legenda: Visita à Igreja São Francisco de Assis, em Salvador (BA)



Ações

Férias no MusCap: Qualificação e Participação da Comunidade

O Museu dos Capuchinhos valoriza a participação ativa da comunidade em suas ações e, por isso, dedica-se a oferecer cursos e atividades que qualificam o público e promovem a integração com o patrimônio cultural. Assim, foram realizadas duas atividades para o programa "Férias no MusCap", que trouxeram a oportunidade de aprendizado em duas oficinas ministradas pelo professor Cláudio da Costa.

A primeira oficina, realizada em 2024, abordou a técnica da Gravura e a da Monotipia, possibilitando aos participantes explorarem os princípios básicos e suas múltiplas possibilidades criativas. O encontro permitiu aos alunos conhecer sua utilização ao longo da história da arte, incentivando a expressão e o desenvolvimento técnico individual.

O segundo encontro, em 2025, foi dedicado ao Papel Artesanal, proporcionando uma experiência nas técnicas tradicionais e contemporâneas da produção de papel a partir de fibras naturais e materiais reciclados. Durante a oficina, os participantes vivenciaram todo o processo, desde a preparação das fibras até o acabamento das folhas, ampliando seus conhecimentos sobre sustentabilidade e criatividade na arte.

Essas iniciativas reforçam o compromisso do museu em ser um espaço de aprendizado, troca de experiências e criatividade. Participar das atividades do museu é construir juntos, uma conexão viva com a arte e a história. O projeto Férias no MusCap é realizado anualmente. Para participar, entre em contato com o Museu pelo telefone e WhatsApp (54) 3220.9565 ou pelo e-mail [educativo@coordenacao@muscap.org.br](mailto:coordenacao@muscap.org.br)

Legenda: Uma das três turmas participantes da oficina de introdução a gravura



Artemisia Gentileschi em foco no MusCap

Quem acompanha o Museu dos Capuchinhos já conhece a historiadora Cristine Tedesco, que, desta vez, voltou a este espaço acompanhada por Eunice Pigozzo para mais uma atividade.

No encontro, foram discutidas fontes documentais e visuais analisadas pela Prof.^a Dr.^a Cristine Tedesco em sua pesquisa sobre a vida e a obra da pintora Artemisia Gentileschi (1593-1654). Com ênfase no protagonismo feminino na História da Arte e Academias Literárias do Renascimento e Barroco, a palestra apresentou métodos de análise de fontes epistolares, judiciais e visuais. A palestra fez parte do projeto “Artemisia Gentileschi – cultura em circulação”. Foram 18 eventos realizados no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

A iniciativa do projeto parte da vontade da historiadora em democratizar os saberes transversais de sua pesquisa de doutoramento na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade de Veneza, que culminou com a publicação do livro *Artemisia Gentileschi: trajetória biográfica e representações do feminino*, em 2020. O livro físico encontra-se esgotado no momento, por isso foi lançada a versão E-book, adaptado para celular, tablet, computador e kindle. É a primeira publicação em língua portuguesa que apresenta e analisa a biografia histórica e artística da pintora de maior relevância do período Barroco italiano, Artemisia Gentileschi, além de outras mulheres artistas e intelectuais cujas trajetórias e obras foram silenciadas pela História da Arte.

O projeto tem financiamento da Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves, Secretaria Municipal de Cultura, Fundo Municipal de Cultura e Conselho Municipal de Política Cultural. A realização é da Ártemis - História, Arte e Cultura, com apoio da Dom Quixote Livraria e Cafeteria e Museu dos Capuchinhos.

Legenda: Cristine Tedesco e Eunice Pigozzo, durante bate-papo no MusCap.



Primavera de Museus: Preservar e Pertencer - O Patrimônio de Caxias do Sul.

Participar da Primavera de Museus já é uma tradição no calendário do Museu dos Capuchinhos. Ao longo dos últimos anos, o museu tem se dedicado a pensar e promover ações que envolvam a comunidade, trazendo à tona reflexões e questões essenciais sobre o patrimônio cultural na contemporaneidade.

Na edição de 2024, a programação contou com a conversa “Preservar e Pertencer: O Patrimônio de Caxias do Sul”, que reuniu Tadiane Tronca e Adriana Antunes, ex-secretárias da Cultura da cidade. As convidadas compartilharam suas experiências e histórias na área da preservação, explorando a importância do patrimônio como parte da identidade coletiva e da paisagem afetiva de Caxias do Sul, junto a temas que abordam sobre nossa legislação de proteção, os principais desafios para preservar e a relevância de fortalecer vínculos entre passado e presente.

Para Adriana, escritora e psicanalista, “toda vez que a palavra, a memória e espaço se encontram é uma forma de reconstruir novos significados para o lugar que ocupamos. Ter participado deste encontro me fez revisitar outros eus meus, de outros tempos e colocá-los para dialogar com os eus dos participantes. Penso que quando nos propomos estar no coletivo, pensar de modo coletivo, todas as falas, as memórias e os espaços ganham um novo significado, ampliando nossa capacidade enquanto sujeito pensante e pertencente a uma história e cultura”.

Tadiane Tronca, escritora, comenta que “oportunizar momentos de reflexão sobre o passado faz parte do compromisso assumido por pessoas e instituições que acreditam que somente numa sociedade democrática podemos manter viva uma certa esperança de prosperidade para todos, com direitos e deveres garantidos. Por isso acredito que o encontro promovido pelo MusCap, com o propósito de discutir sobre patrimônio histórico, memória e o direito aos bens culturais, e que reuniu duas ex-secretárias de cultura do município, são de extrema importância para seguir neste caminho que elege compartilhar vivências e conhecimentos como uma das formas de manter uma base sólida para a construção de um presente e futuro dignos da condição humana.”

O evento contou com a participação da comunidade, de professores, pesquisadores e de estudantes do curso de História da Universidade de Caxias do Sul.

Legenda: Adriana Antunes e Tadiane Tronca no encontro promovido pelo MusCap



17ª Semana da Fotografia - Uma Sociedade no Espelho: A Preservação da Fotografia em Caxias do Sul

A *Semana da Fotografia* é um evento de abrangência nacional que reúne diversas instituições para promover atividades e parcerias voltadas para a valorização dessa arte e seu papel na sociedade. O Museu dos Capuchinhos, em parceria com a 17ª Semana, apresentou a atividade “Uma Sociedade no Espelho: A Preservação da Fotografia em Caxias do Sul” no dia 19 de agosto, marcando a abertura oficial da programação local.

O evento contou com profissionais que trouxeram reflexões importantes sobre o tema. O professor Juventino Dal Bó, referência em patrimônio cultural, abordou a relevância da educação patrimonial através da fotografia e sua experiência à frente do Museu Municipal de Caxias do Sul, sua participação na criação do Arquivo Histórico e as principais ações criadas para salvaguardar estes acervos. A historiadora Elenira Prux, funcionária do Arquivo Municipal de Caxias, destacou a formação e o valor do acervo fotográfico da instituição, explorando questões ligadas à conservação e sua acessibilidade.

Para complementar a discussão, a conservadora-restauradora Chanaísa Melo e o coordenador do MusCap, Christian de Lima, compartilharam suas vivências e experiências na conservação destes acervos, apresentando o trabalho desenvolvido no Museu dos Capuchinhos.

Para Juventino Dal Bó, historiador que esteve presente na construção do espaço do MusCap, “as civilizações que não conheceram a fotografia morreram duas vezes” dizemos isso de uma cultura, mas podemos dizer também nos referindo a uma cidade. Não é, entretanto, o caso de Caxias do Sul, que teve a sorte de surgir numa época em que a fotografia já se estabelecia como importante forma de registro. Todos os grandes acontecimentos e todos os momentos transformadores da história da cidade foram registrados pelas lentes de profissionais ou de amadores que os imortalizaram com suas câmeras. O colossal trabalho de conhecer a história das imagens em Caxias do Sul, identificar seus produtores, formar, conservar e divulgar os acervos coube ao Museu e Arquivo Histórico de Caxias do Sul que, a partir das últimas décadas do séc. XX, realizou, não sem esforço, um gigantesco trabalho de educação patrimonial envolvendo grande parte da população da cidade. Exposições, publicações, programas de vídeos, formação e exposição de acervos mobilizaram um punhado de professores de história em torno da fotografia. Conhecer este movimento e identificar seus inúmeros frutos é tomar consciência da história cultural de Caxias do Sul e da efetiva participação de sua população na preservação de suas raízes. Susan Sontag, nos seus Ensaio Sobre a Fotografia diz: “Estas imagens são verdadeiramente capazes de usurpar a realidade porque, antes de mais nada, uma fotografia é não só uma imagem (como o é a pintura), uma interpretação do real - mas também um vestígio, diretamente calcado sobre o real, como uma pegada ou uma máscara fúnebre”.

Ademar Sebben, ouvinte e participante assíduo das atividades do MusCap, “os encontros promovidos no e pelo Museu dos Capuchinhos são um respiro de cultura e modernidade. Provam que os museus há muito deixaram de ser apenas um depósito de memórias para se tornarem uma usina de novos olhares e saberes. Com relação à fotografia, o Museu dos Capuchinhos tem ainda muito a oferecer.”

O encontro ofereceu ao público uma visão abrangente sobre as práticas de preservação fotográfica na cidade, destacando seu valor como um elemento essencial do patrimônio cultural. Mais do que uma atividade técnica, o evento foi uma celebração da memória visual de Caxias do Sul e um convite para refletir sobre como preservar essas imagens ajudam a contar a nossa história.

Legenda: Christian de Lima, Chanaísa Melo, Elenira Prux e Juventino Dal Bó durante a palestra.



O PRESÉPIO DE SÃO FRANCISCO

O MusCap celebrou com grande êxito a exposição “Paz e Bem: do presépio de São Francisco aos nossos presépios”, inaugurada no dia 6 de dezembro de 2023. A mostra marcou os 800 anos da criação e encenação do presépio por São Francisco de Assis, em uma gruta na cidade de Greccio, na Itália.

A exposição apresentou ao público uma rica variedade de presépios que ultrapassam fronteiras culturais e geográficas, evidenciando a diversidade e a criatividade na tradição natalina. O acervo reuniu peças do próprio MusCap e exemplares da coleção da colecionadora Mari Joana Scherner, com criações de artistas como Fabíola Cornutti, Rogério Baierle, Noemi Fontanella, Benedita Cecatto e do Atelier Zambelli. Entre os materiais e técnicas utilizados, destacaram-se presépios feitos em terracota, madeira e dresta, além de exemplares vindos do México e do Peru. As dimensões das obras também chamaram a atenção, variando de peças de dois centímetros até composições imponentes.

A curadoria da exposição foi assinada pelo coordenador do MusCap, Christian de Lima, e pelo diretor, Celso Bordignon, que destacaram o simbolismo do presépio e sua relevância histórica e espiritual. Christian ressaltou o propósito de reunir presépios únicos, que não foram produzidos em série, valorizando a originalidade de cada obra. Além disso, a mostra trouxe reflexões sobre os ensinamentos de São Francisco de Assis, especialmente sua preocupação com os mais pobres e com os animais, como descrito nas fontes franciscanas.

“São Francisco é padroeiro dos animais e do meio ambiente. Nesse período em que estamos passando e que todos os seres vivos demandam tantos cuidados, com o mundo em guerra justamente naquele lugar tão solene em que foi o nascimento de Jesus. Acho que essa exposição é muito importante por conseguir nos fazer pensar sobre questões atuais que devem ser conversadas se quisermos que o mundo olhe e ande para a frente.” comenta Christian.

O evento de abertura contou ainda com o lançamento da 9ª edição da revista Le Musée, reforçando o compromisso do MusCap com a disseminação do conhecimento e a valorização do patrimônio cultural.

Legenda: Presépio da artista Fabíola Cornutti



Legenda: Abertura “Paz e Bem: do presépio de São Francisco aos nossos presépios”.



Tesouros Literários: 500 Anos de História com os Capuchinhos

O Museu dos Capuchinhos abriu sua Sala de Exposições para uma mostra inédita: "Tesouros Literários: 500 Anos de História com os Capuchinhos". Pela primeira vez, um recorte do vasto acervo bibliográfico do museu foi apresentado ao público, revelando a riqueza e a importância de obras que atravessam séculos e narram não apenas a trajetória dos freis Capuchinhos, mas também capítulos fundamentais da história da humanidade.

Com um acervo que ultrapassa 25 mil títulos, a exposição com curadoria do coordenador do MusCap, Christian de Lima, e, do diretor, Celso Bordignon, trouxe à luz publicações raras datadas do século XV ao XXI, destacando a materialidade dos livros, seus conteúdos e o cuidadoso processo de conservação que garante sua integridade ao longo do tempo.

Entre as principais obras expostas, destacam-se *La Divina Commedia*, de Dante Alighieri; *La Fontaine et ses Fables*; *L'Origine des Espèces* de 1859, de Charles Darwin; uma obra sobre a vida e as conquistas de Alexandre, o Grande, datada de 1705; a *Biblia ad Vetvstissima exemplaria* publicada em 1599 e, como peça central da mostra, um raro **incunábulo** datado do século XV, uma das mais antigas publicações impressas conhecidas.

Além da seleção criteriosa dos livros, uma exposição como essa exigiu um trabalho minucioso de preparação do ambiente, definição dos suportes adequados e aplicação de técnicas de conservação para garantir a integridade das obras ao longo do período expositivo. Cada detalhe foi pensado pela equipe responsável sob a orientação da conservadora do museu, Chanaísa Melo, que monitorou desde o controle da umidade e da iluminação até o manuseio especializado dos exemplares, assegurando que esse patrimônio literário pudesse ser apreciado pelo público com total segurança e preservação.

"Cada livro desta exposição apresenta características particulares, desde a materialidade: capa, costura, papel, tipos de tintas, encadernação; até o percurso histórico, o qual mostra a relevância do seu uso em diferentes épocas e nos mais diversificados grupos sociais. Por isso, é imprescindível a análise e a observação dos mesmos, antes, durante e após uma exposição, para que assim, possamos realizar os procedimentos mais adequados, entre esses, a higienização e o acondicionamento, no intuito de preservarmos a integridade e as singularidades dos livros", comenta Chanaísa.

Exposições como esta tornam o Museu dos Capuchinhos ainda mais vivo e dinâmico, atraindo um grande número de visitantes e ampliando o reconhecimento do trabalho de preservação e difusão cultural realizado neste espaço. Cada pessoa que visitou a mostra teve a oportunidade de conhecer não apenas as obras raras expostas, mas também o cuidado e a dedicação envolvida. Além disso, a exposição reafirmou o profundo interesse dos Capuchinhos pela leitura, pelo conhecimento e pelo pensamento crítico, valores que sempre nortearam suas trajetórias.

Para Christian, coordenador do espaço, "ao compartilhar este acervo com o público, o museu fortalece sua missão de tornar a cultura acessível a todos, promovendo a educação e a valorização da história através dos livros, além de incentivar a **educação patrimonial**, despertando no público a consciência sobre a importância da preservação do patrimônio bibliográfico e documental. Ao permitir o contato direto com essas obras raras, a exposição estimula o respeito pela memória coletiva, mostrando que os livros são não apenas fontes de conhecimento, mas também testemunhos materiais de diferentes épocas, pensamentos e sociedades."

O que são incunábulos

Incunábulo é um livro criado nos primeiros tempos da imprensa com tipos móveis. São reconhecidos por sua raridade, idade e importância histórica, marcam a transição entre os manuscritos medievais e os livros impressos na história da humanidade. Aqui destaca-se A Summa Angelica do Frei Ange de Chivasso, datado do século XV, um dos raros exemplares com capa de madeira, revestida com couro, exibindo elaboradas imagens geométricas em baixo relevo. Há vestígios de uma cinta e um pino na contracapa, que sugerem que o livro já teve um fecho de segurança. O texto, disposto em duas colunas com caracteres góticos, é adornado manualmente com letras capitais rubrica das. Impresso sobre papel de trapo, este exemplar carrega não apenas o conhecimento do seu tempo, mas também a habilidade artesanal e o cuidado com que foi produzido. A obra ganhou popularidade entre os católicos, mas causou repercussão quando foi queimada por Martinho Lutero, em 10 de dezembro de 1520, em

Wittenberg, sob o argumento de que seria “diabólica”. Lutero queimou a obra junto com a Bula de Excomunhão, com o Código de direito Canônico e com a Summa Theologica de São Tomás de Aquino.

Legenda: Abertura da Exposição Tesouros Literários que reúne algumas das principais obras da instituição



Legenda: Obra A Origem das Espécies, de 1860, de Charles Darwin.



Legenda: Incunábulo na exposição Tesouros Literários, no MusCap.



ENTRE BRASIL E IRLANDA Caminhos na Preservação do Patrimônio

por Bianca Dickel Campanher

Minha história com o Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul começou em 2018, ano que atuei sendo voluntária na conservação do acervo fotográfico do museu, realizando a higienização, acondicionamento e catalogação de fotografias impressas. Logo me encantei com o lugar, o ambiente tranquilo, os funcionários acolhedores, e assim, aquelas duas horas semanais tornaram-se o meu refúgio, um momento de paz e felicidade. Infelizmente, depois de seis meses, tive que sair do programa de voluntariado, mas aquela vontade de voltar a trabalhar no MusCap sempre permaneceu.

Em 2022, durante a minha graduação em Biblioteconomia, retorno ao MusCap e começo a estagiar na biblioteca, dessa vez trabalhando com a higienização, acondicionamento, inventariado e organização física do acervo. Neste período aproveitei para fazer o meu estágio obrigatório do curso, trabalhando diretamente com as Obras Raras, realizando as tarefas que eu já fazia, mas agora incluindo a catalogação e a classificação destas obras.-

Depois de mais de um ano tendo a excelente experiência de trabalhar no Museu dos Capuchinhos, um local que me trouxe muitos aprendizados, satisfação profissional, risadas e amigos, com muita dor e felicidade, me despedi do museu para vir morar na Irlanda.

Acredito que foi com os conhecimentos e a experiência adquirida no MusCap que fui capaz de ser selecionada para trabalhar como Assistente de Projeto na Old Library Redevelopment Project of Trinity College Dublin (Projeto de Remodelação da Antiga Biblioteca da Trinity College Dublin). A Antiga Biblioteca foi construída entre os anos de 1712 e 1732, é um dos maiores tesouros da Irlanda, um marco cultural conhecido mundialmente e que atualmente abriga mais de 350.000 livros impressos antigos, além de 20.000 manuscritos e coleções de arquivos que foram coletados ao longo de 400 anos. Por ser localizada no centro da cidade, assim como diversos museus e bibliotecas em todo o mundo, ela está sujeita à poluição externa e acúmulo de poeira que prejudicam as coleções e a própria estrutura do edifício, sendo assim necessário um projeto de remodelação do prédio, modernizando medidas de controle ambiental e proteção contra incêndios.

Nosso trabalho era retirar os livros das prateleiras, geralmente com a ajuda de andaimes devido à altura das mesmas, higienizar os cortes de cada livro com um aspirador adaptado para obras delicadas, verificar e conferir as informações de cada exemplar na base de dados da Universidade, aplicar uma etiqueta de identificação eletrônica e embalar os livros para serem enviados a outro local de armazenamento.

Dos papiros egípcios aos manuscritos e publicações irlandesas contemporâneas, a Trinity College é responsável por coleções únicas e distintas que abrangem milênios e todas as disciplinas, sendo responsável também pela salvaguarda do Livro de Kells. Considerado por muitos especialistas como um dos mais importantes vestígios da arte religiosa medieval, O Livro de Kells contém os quatro Evangelhos em latim baseados no texto da Vulgata que São Jerônimo completou em 384 DC, misturado com leituras da tradução anterior do latim antigo. Não se sabe exatamente a data em que o livro foi escrito, mas acredita-se que perto do ano 800.

Após o fim do projeto da Old Library no início deste ano, tive a oportunidade de entrar como parte da equipe de conservação do National Archives (Arquivos Nacionais) em outro projeto muito interessante e de grande importância para a história da Irlanda: a digitalização do Censo de 1926.

O primeiro censo da população do Estado Livre Irlandês foi realizado em 18 de Abril de 1926, e coletou 21 conjuntos de dados, como nome, idade, gênero, estado civil, religião, condições de moradia e habilidade de falar irlandês e/ou inglês. A sua população era de 2.971.992 pessoas, sendo 49% do sexo feminino e 51% do sexo masculino. Está previsto que todos esses

conjuntos de dados sejam digitalizados e publicados online e de forma gratuita em Abril de 2026. Essas informações, sem dúvida, fornecerão uma visão fascinante da vida na Irlanda em 1926 e serão de grande utilidade para o público.

Atualmente, estes documentos estão armazenados em 1.299 caixas, contendo mais de 700.000 folhas de retorno, com informações de cada habitante da época, cada uma medindo aproximadamente 630 mm x 290 mm. Os formulários estão organizados em 2.494 volumes, cada um representando uma área de enumeração dentro de cada um dos 26 condados.

Para que seja possível realizar o processo de digitalização, cada volume passa por algumas etapas. Primeiramente é realizada a desmontagem do livro, em seguida é necessário verificar a condição e realizar a higienização superficial. Devido ao tamanho do projeto, apenas os formulários com muita sujidade são limpos com esponjas, e a sujeira granular é removida com escovas. Qualquer vinco ou dobra é alisado com uma espátula aquecida. Os reparos no papel são realizados utilizando um tecido umidificado, que é produzido internamente por cada conservador e usado apenas quando necessário, por exemplo, quando um rasgo na borda representa risco de danos adicionais durante o processo de digitalização. O adesivo do tecido é ativado com uma esponja umedecida e aplicado no papel, e em seguida é alisado com a espátula, garantindo que o reparo fique bem aderido e **assim** acelerando o tempo de secagem. Todo esse processo é realizado em cada página de cada livro.

Após a digitalização, que é realizada por outro setor, cada livro é montado novamente com a sua respectiva capa e está pronto para voltar para sua caixa original de acondicionamento.

Um dos aspectos interessantes de ter tido a experiência de trabalhar em projetos tão diferentes, mas todos relacionados à mesma área, é o de poder comparar alguns métodos utilizados em cada local. Como por exemplo, no Museu dos Capuchinhos, a higienização mecânica das Obras Raras era realizada folha por folha utilizando uma trincha. Já na Trinity College, como a prioridade do projeto era a retirada dos livros da biblioteca para que ela pudesse ser reformada, a higienização era feita somente nos cortes dos livros, enquanto no projeto do Censo é através de esponjas. Outro aspecto também é a obrigatoriedade ou não obrigatoriedade da utilização de luvas e máscaras no manuseio destas obras. É muito interessante também refletir e questionar sobre muitos pensamentos pré estabelecidos que temos enquanto brasileiros, sempre imaginando que em outros países tudo é melhor, mais modernizado e mais eficiente, e não é bem assim que funciona. Não somente no campo da Preservação e Conservação, mas em vários outros aspectos, o Brasil às vezes parece estar passos à frente de outros países que consideramos de “primeiro mundo”.

Minha trajetória profissional em instituições culturais como o Museu dos Capuchinhos, a Trinity College e National Archives permitiu um profundo aprendizado sobre práticas de preservação e conservação de acervos. As diferentes experiências em cada projeto, desde a catalogação de Obras Raras até o trabalho com documentos históricos nacionais, mostraram a diversidade de métodos e abordagens nesse campo. Esses aprendizados enriquecem minha formação e reforçam a importância da conservação e preservação do patrimônio cultural, seja no Brasil ou no exterior.

Legenda: Long Room, sala na Antiga Biblioteca da Trinity College, Irlanda



Legenda: Realizando reparo em manuscrito medieval, no National Archives



Legenda: Long Room, sala na Antiga Biblioteca da Trinity College, Irlanda



Coluna do leitor

Josué Frizon (Marau/RS) - Professor

A revista Le Musée é uma ótima oportunidade para todos aqueles que estão interessados em conhecer um pouco da organização de espaços que salvaguardam memórias. Para além disso, experiências significativas de Educação Patrimonial. O material, rico em detalhes, traz uma gama de informações que não apenas contempla o interesse de especialistas, mas também de leigos amantes do assunto. Artigos de opinião, textos que explanam a respeito de exposições, atividades das mais variadas (que vão desde processos de conservação de acervos até a organização de exposições que ocorrem constantemente), nos dão o tom do que o MUSCAP realiza. Nesse sentido, também a Le Musée nos permite conhecer, mesmo à distância, o trabalho de renomados artistas e pesquisadores, ampliando nosso repertório sobre distintas manifestações da arte. Assim como ter acesso aos ricos acervos que compõem o Museu, a Revista continua nos possibilitando ampliar horizontes em uma sociedade cada vez mais carente disso. Parabéns a todos que fazem acontecer o MUSCAP.

Eliza Zattera (Caxias do Sul/RS) - Escultora

A revista Le Musée, periódico anual, traz uma síntese das atividades do Museu dos Freis Capuchinhos - MUSCAP, realizadas durante o ano; trazendo informação, cultura, arte e preservação; servindo como canal de comunicação da sociedade. É louvável o intuito dessa instituição, de preservar a memória e fomentar a arte e a cultura da Congregação dos Freis Capuchinhos, bem como da comunidade e seu público.

Vera Mari (Caxias do Sul/RS) - Jornalista, ambientalista e produtora cultural

A Revista Le Musée traz um verniz ao tempo que insiste em escorrer pelos anos. Nas suas páginas a gente conhece sobre os esforços e a dedicação de uma equipe de profissionais que, através do seu trabalho no MusCap, se empenha em manter este tempo brilhando. Um trabalho de muito significado que eles compartilham com os leitores para ampliar o sabor de conservar o tempo com amor. A comunidade tem muito a agradecer.

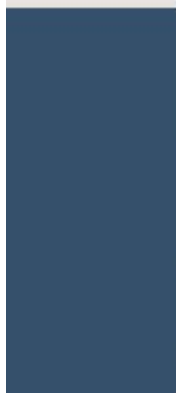
Cristiano Scheifler - Feliz/RS

A revista Le Musée é uma forma fundamental de comunicação e cultura em Caxias do Sul e região. Através de suas páginas, podemos conhecer e acompanhar de perto o que está sendo feito na cidade, seja na arte, nas exposições ou nos museus. É um canal que valoriza a nossa história e nos mantém conectados com o patrimônio cultural da região. Sempre que há eventos e atividades, faço questão de estar presente para prestigiar o Museu, pois reconhece a importância do seu trabalho e o impacto positivo que tem na comunidade. É emocionante ver como esse espaço promove conhecimento, diálogo e reflexão, aproximando as pessoas da arte e da cultura. Estou sempre aplaudindo essa iniciativa que tanto enriquece nossa cidade. Parabéns aos Freis Capuchinhos por manterem vivo um espaço tão essencial como o MusCap, que preserva nossa memória e nos inspira a valorizar cada vez mais o nosso patrimônio! Que a revista e o museu continuem ligados e enriquecendo a vida de todos nós!

João Vitor Griebler - Caxias do Sul

A revista Le Musée, é de fundamental importância como instrumento de divulgação e reconhecimento da museologia em nossa região. A imprensa desde sua fundação tem sido o instrumento de divulgação das artes, da literatura, da religiosidade. A revista Le Musée mantém a tradição histórica, de realizar em papel e tinta a memória que nos acompanha. Palavras voam mas os escritos permanecem.

Envie seu depoimento para a revista Le Musée e participe das próximas edições. Você pode enviá-lo ao WhatsApp do MusCap 54 3220 9565 ou ao e-mail coordenacao@muscap.org.br.



25
MUSEU DOS CAPUCHINHOS
— 25 ANOS —

Museu dos Capuchinhos | MusCap
Rua General Mallet 33A | Rio Branco | Caxias do Sul/RS
(54) 3220 9565 | [instagram.com/muscaps](https://www.instagram.com/muscaps)
(54) 99681 7733 | [facebook.com/museucapuchinhos](https://www.facebook.com/museucapuchinhos)